

LA COMÉDIATHÈQUE



BEM-VINDOS A BORDO!

JEAN-PIERRE MARTINEZ



COMEDIATHEQUE.NET

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

Bem-vindos a bordo!

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Se a velhice é um naufrágio, a vida pode ser comparada a um cruzeiro no Titanic. Alguns relaxam nas espreguiçadeiras no convés, enquanto outros remam no porão. Mas todos acabarão servindo de alimento para os peixes. Portanto, enquanto aguardamos o inevitável encontro com um iceberg, para aqueles que conseguirem, ao som da orquestra, é melhor fazer tilintar os cubos de gelo no seu copo. Uma comédia fortemente tingida de humor negro. A primeira sitcom metafísica cuja ação se desenrola numa residência médica para idosos.

Personagens:

Os jovens:

Natalia: diretora

Roberto: médico

Cristina: filha de Branca

Alex: amigo (ou amiga) de Cristina

Carolina: auxiliar de enfermagem

Os velhos:

Branca: nova pensionista

Gonçalo: pensionista

Dani: pensionista (homem ou mulher)

Maria: pensionista

Pilar: pensionista

Uma sala de estar, mobiliada principalmente com quatro cadeiras e uma mesa de centro, tudo parecido com uma sala de espera bastante antiquada. Dois personagens, com idades entre trinta e cinquenta anos, Alex e Cristina, esperam. Alex pode ser indiferentemente um homem ou uma mulher um pouco masculina (fisicamente ou em estilo de vestuário). Supomos em ambos os casos que eles formam um casal. Alex verifica seus e-mails no celular. Cristina folheia nervosamente uma revista que pegou aleatoriamente da mesa de centro.

Cristina – Espero que eles a aceitem, porque se não, realmente não sei o que faremos com ela...

Alex – Parece que você está falando de um animal que precisa ser deixado em um abrigo antes de ir de férias...

Cristina – Tenho certeza de que é mais fácil encontrar um abrigo em Lisboa... De qualquer forma, é mais barato... Não, esta é a nossa última chance, eu lhe garanto... Não podemos falhar agora...

Alex – Existem outros lugares...

Cristina – Ela foi expulsa de todos os lugares num raio de cinquenta quilômetros... Não vamos colocá-la numa casa de repouso no Algarve! Você imagina o tempo que levaríamos para visitá-la?

Alex (*ainda mexendo no celular*) – Mmm...

Cristina – Você pode deixar um pouco o celular de lado? Tenho a sensação de estar conversando com minha mãe!

Alex – Sua mãe tem um celular?

Cristina – Ela, você sabe... nem precisa de um celular para parecer um zumbi quando você fala com ela...

Alex guarda o celular relutantemente, olha um pouco ao redor do local e finge interesse.

Alex – Parece bastante bom, não é?

Cristina – Não temos muitas opções de qualquer maneira.

Alex – O que a diretora disse? Que havia uma vaga?

Cristina – Ela disse que estamos na lista de espera... Mas ela tinha a esperança, infelizmente, de que em breve uma vaga se abrisse...

Alex – Infelizmente...?

Cristina – E você não vai cometer nenhum erro, certo? É uma instituição católica... Eles não são fundamentalistas, mas, enfim... É melhor colocar todas as chances do nosso lado...

Alex – Entendi... Então não é necessário mencionar que ela é judia.

Cristina – Ela se lembra sozinha...? Ninguém na família foi realmente praticante...

Alex – Mesmo assim... ela deve se lembrar. Não é algo que se esqueça facilmente...

Cristina – Sim, claro, não!

Natalia, a diretora, chega, com idades entre trinta e quarenta anos, com uma aparência católica um pouco rígida.

Cristina – Ah, bom dia, Senhora Diretora!

Natalia – Desculpem-me por tê-los feito esperar.

Cristina – Mas não se preocupe, por favor...! Apresento-lhe Alex, minha... companheira.

Alex aperta a mão de Natalia com um pouco de força.

Natalia – Natalia Sagres.

Alex – Sagres... Como a cerveja?

Natalia – Antes de ser uma marca de cerveja, Sagres era o nome de uma cidade no Algarve, você sabe?

Alex – Sagres. Claro.

Cristina lhe lança um olhar consternado.

Cristina – Espero que tenha boas notícias para nós, Senhora Diretora...

Natalia – Sim, sim, acalme-se... Bem, quando digo boas notícias... Como se diz, a desgraça de uns...

Cristina – Não pode imaginar o alívio que é para nós... Obrigada por lhe dar outra chance...

Natalia – É verdade que ela é bastante... enérgica, mas, enfim... A essa idade, sempre é melhor do que o contrário, não é?

Alex – Na época dos meus pais, não era assim de jeito nenhum... Eles eram muito mais... dóceis. Enfim... Deve ser a nova geração...

Natalia – As últimas consequências negativas da Revolução, provavelmente.

Cristina – Mas... não hesite em ser um pouco firme com ela desde o início, certo? Para orientá-la imediatamente. Senão, não vai conseguir, acredite...

Natalia – Não se preocupe, estamos acostumados... É nosso trabalho, afinal... Ela ficará bem conosco...

Alex – Oh, mas não era por ela que estávamos preocupados, eu lhe asseguro...

Natalia – Bem, agora podem trazê-la...

Cristina – Você vai buscá-la, Alex?

Alex – Claro...

Cristina – Então podem recebê-la a partir desta noite, certo...?

Natalia – Se tiverem as coisas dela com vocês... Podem trazer o resto depois...

Cristina – Claro que fizemos a mala dela, no caso de podermos nos livrar dela imediatamente... Quero dizer... tirá-la de cima de nós imediatamente.

Alex volta segurando uma mala com uma mão e segurando a mão de Branca, uma idosa, com a outra.

Natalia – Branca, dou-lhe as boas-vindas à Residência Sênior Os Pinheiros.

Branca – Para mim, estes pinheiros já cheiram a queimado...

Natalia – Mas terá de ser muito obediente se quiser ficar connosco, Branca, certo? Parece-me ter lido entre as linhas do seu registo que tem um temperamento um pouco... ardente.

Cristina – Ouviu o que a senhora disse, mãe?

Alex – Não há maneira de incendiar Os Pinheiros como fez com As Palmeiras. (*Para Natalia*) Este é o nome da residência de onde ela foi expulsa por razões disciplinares...

Natalia parece um pouco surpreendida, e Cristina lança a Alex um olhar fulgurante.

Cristina – A sua responsabilidade nunca foi formalmente estabelecida no início desse incêndio, mas, enfim... Apenas assegure-se de não deixá-la brincar com fósforos...

Natalia – Obrigada por me avisar, de qualquer forma...

Cristina – De outra forma, vai descobrir que também pode ser muito agradável. Muito sociável. E até muito divertida, às vezes.

Alex – O sentido de humor é importante.

Cristina – Vai ver, ela vai surpreendê-lo.

Natalia – De qualquer forma, tiveram sorte... Se tivessem vindo há um mês, não teria vagas disponíveis... E agora, tenho três que se libertaram uma atrás da outra...

Cristina – Ah sim, é curioso...

Natalia – A lei das séries, infelizmente... Mas o que podemos fazer a respeito? O Senhor chamou-os para o seu lado...

Alex – Esperemos que lá em cima também não esteja lotado...

Cristina olha para ele com desdém.

Natalia – São Pedro também tem as suas listas de espera para os casos controversos, sabem... Chamamos-lhe o purgatório...

Branca – Pensei que se chamava Os Pinheiros...

Cristina – Vamos, mãe, aqui é uma residência médica para idosos...

Natalia – Então, Branca... Sua filha me disse que era atriz, certo? Quero dizer, antes...

Cristina – Atriz, vai ver... Ainda é um pouco, infelizmente...

Alex – Mas digamos que mesmo na vida cotidiana, agora tende a esquecer um pouco as suas falas, não é, Branca?

Branca – Então, se eu morrer, não terei direito a ser enterrada com os outros?

Cristina – Mas por que diz isso?

Branca – Aos atores, vocês, católicos, negam o direito de serem enterrados nos vossos cemitérios, não é?

Natalia – Sabe, Branca, a Igreja evoluiu bastante neste ponto... Como em muitos outros... Agora consideramos que mesmo um mau ator pode ser um bom católico...

Branca – E os judeus também?

Alex – Bem, Branca, não é sobre enterros por enquanto...

Cristina – Além disso, só és judia pelo teu pai, isso não conta.

Branca – Isso não foi o que os nazis pensaram durante a guerra.

Cristina – Não a ouçam. Os únicos nazis que ela viu foram na televisão. Mas ela sempre tem que exagerar. As atrizes, sabem...

Branca (*para Natalia*) – Então... você não é o Grande Inquisidor, certo?

Cristina – Enfim, mãe! Pode ver que a senhora não é membro da Inquisição. E tenho certeza de que, se necessário, em caso de emergência, ela não lhe negaria os últimos sacramentos...

Alex – Além disso, está em plena forma, Branca.

Cristina – Ela é quem vai enterrar todos nós, acredite.

Silêncio desconfortável.

Alex – Aqui estamos...

Cristina – Bem, então...

Alex – Talvez devêssemos ir, não acha, Cristina? Antes que a Diretora mude de ideia...

Cristina – Agora que sabemos que minha mãe está em boas mãos.

Natalia – Não se preocupem, tudo correrá bem.

Cristina – Adeus, mãe, voltaremos para a visitar em breve, certo?

Muito emocionada, beija a sua mãe. Alex faz o mesmo.

Alex – Adeus, Branca. E porte-se bem...

Cristina – Obrigada novamente... E até breve...

Cristina e Alex saem discretamente. Branca os observa afastar-se impassível. Em seguida, vira-se para Natalia.

Branca – Quem é ela? Por que me chama de mãe?

Natalia olha para ela um pouco envergonhada.

Natalia – Mas vá lá, Branca, é a Cristina, sua filha.

Branca – Claro, estou só a brincar...

Natalia (*aliviada*) – Vamos, siga-me, vou mostrar-lhe o seu quarto...

Natalia pega a mala e começam a afastar-se.

Branca – Por outro lado, aquele outro, com a sua falsa expressão, não me diz nada... Quem é ele? Meu genro... ou minha nora?

Natalia lança-lhe um olhar, questionando se ela está a brincar ou não. Saem.

Maria, uma idosa, chega caminhando lentamente, até mesmo com a ajuda de um andador. Ela senta-se numa cadeira e começa a ler uma revista para idosos. Outro idoso, Dani, que pode ser um homem ou uma mulher, chega também em más condições.

Maria – Olá, Dani, como está esta manhã?

Dani – Ah, minha pobre Maria, já sabe o que dizem. Depois dos oitenta anos, se você acordar uma manhã e não lhe doer em lugar nenhum, é porque você está morto.

Maria – Ah, isso é muito verdade... A propósito, ouviste o que aconteceu com a Assunção?

Dani – Assunção? Não... Algo aconteceu com ela?

Maria – Sim... Podemos dizer assim... E será mesmo a última coisa que lhe acontecerá. Ela faleceu!

Dani – O quê? A Assunção faleceu?

Maria – A dormir... Encontraram-na esta manhã na sua cama, rígida como um pau...

Dani – Nossa... E eu a vi ontem à noite. Até lhe desejei boa noite!

Maria – Ah, bem, isso não caiu bem, não é, Dani? Se o vir esta noite, evite desejar-me boa noite.

Dani – Mas você, Maria, ainda é jovem. Quantos anos tem agora?

Maria – Estou quase a fazer noventa e seis...

Dani – Ah, pensei que você era mais nova do que eu.

Maria – Sim... Um dia tinha que subir para o céu.

Dani – Quem?

Maria – A Assunção! Tinha cento e três anos, afinal.

Dani – Acabámos de celebrar o seu aniversário.

Maria – Nem sequer conseguíamos ver o bolo por baixo das velas.

Dani – O que podemos esperar da vida aos cento e três anos?

Maria – Além de constar no Guinness dos recordes...

Dani – Mesmo assim, é um choque.

Maria – O que quer? Não somos eternos.

Dani – Ainda não, infelizmente...

Maria – Ainda não?

Dani – Não leu aquele artigo nesta revista...?

Maria – Que artigo?

Dani – Sobre uma espécie de medusa que nunca morre.

Maria – Medusas?

Dani – A *Turritopsis Nutricula*.

Maria – Uma tartezinha de Nutella?

Dani pega na revista, procura o artigo e encontra-o.

Dani – Ouve isto... (*Lendo*) Segundo os cientistas, até hoje, esta é a única criatura conhecida por ser imortal. Esta medusa seria capaz de reconfigurar as suas células envelhecidas em células novas, mantendo assim a sua eterna juventude. Até agora desconhecidas, estas medusas evoluem em águas profundas. Como nunca morrem, multiplicam-se pelos oceanos, causando pânico na comunidade científica, ao ponto de um especialista declarar: "O mundo deve preparar-se para enfrentar esta invasão silenciosa."

Maria – Uma invasão?

Dani – Repara? Talvez um dia, ao implantarmos um ou dois genes deste bicho, também possamos ser imortais.

Maria – Ou talvez nos coloquem em viveiros de piscicultura para fazer sushi eternamente fresco... Parece que os japoneses adoram sushi de medusa.

Dani – Talvez por isso vivam tanto...

Maria – Mas desça à terra, Dani. Têm-nos dito o tempo todo que se o nosso sistema de pensões está em colapso, é por causa da multiplicação dos centenários. Para eles, somos os invasores! Nós, os idosos! E acha que nos vão implantar células de medusa para que vivamos eternamente?

Dani – Podemos sonhar um pouco. À nossa idade, é tudo o que nos resta, não é verdade?

Maria – Sonhar em se tornar ectoplasma... Como é uma medusa?

Dani – Como assim?

Maria (*mais alto*) – Como é uma medusa?

Dani – É tudo suave, flácido... Vê muito mal, não ouve nada e é muito irritante...

Maria – Nesse caso... Nem tudo está perdido para você, Dani... Estou a pensar se não lhe implantaram uma boa dose sem lhe dizer.

Dani – Ah, Maria... Sempre tem uma piada pronta...

Maria volta à sua leitura enquanto Dani se senta na sua poltrona. Outra idosa chega, Pilar, no mesmo estado de decrepitude que os outros dois.

Maria – Ah, aqui está a Pilar.

Dani – Bom dia, Pilar! Dormiu bem?

Maria – Esse novo penteado fica-lhe bem, Pilar...

Pilar – Como?

Maria (*mais alto*) – Eu disse que esse novo penteado fica-lhe bem. (*Para Dani*) Não a posso suportar...

Dani – Aparentemente, ela não a consegue ouvir...

Pilar tira um auricular do ouvido.

Maria – E se ela ainda tirar o aparelho auditivo, a situação não vai melhorar...

Pilar – Não é um aparelho auditivo! É o iPod que o meu neto me deu no meu aniversário.

Dani – Ah, percebo...

Maria – O que é um iPod?

Dani – Nem ideia...

Pilar – Encontraram a Branca?

Maria – Branca?

Dani – Quem é essa?

Pilar – A que acabou de chegar!

Maria – Ah, a que substitui a Assunção.

Pilar – Assunção foi embora?

Maria – Podemos até dizer que ela foi embora para sempre.

Dani – Nem teve tempo de se despedir.

Maria – Nem sequer teve tempo de passar na receção para dizer que estava indo embora.

Dani – É verdade que ela já estava ausente há algum tempo.

Maria – Aqui ela se ausentou definitivamente.

Dani – Ela morreu.

Pilar – Assunção morreu?

Dani – Aparentemente, esta noite... E pensar que a vi ontem à noite... Até lhe desejei...

Maria – Ela está bem aqui agora...

Pilar – Assunção?

Dani – A recém-chegada!

Pilar – Como sabe que ela acabou de chegar?

Maria – Porque nunca a tínhamos visto antes!

Branca chega. As outras três mostram uma amabilidade um pouco forçada.

Dani – Bom dia, senhora, bem-vinda aos Pinheiros.

Branca (*franzindo a testa*) – Hmm...

Dani – Sente-se um pouco connosco, por favor.

Enquanto Dani se levanta para trazer-lhe uma cadeira, Branca senta-se no lugar dele. Maria e Pilar trocam olhares preocupados. Dani vira-se e percebe que Branca lhe tirou o lugar.

Dani – Quer dizer... aqui é o meu lugar.

Branca – Não vi o seu nome no encosto...

Dani parece não saber o que fazer. Branca permanece sentada.

Maria – É o lugar favorito dela...

Branca – Mudar de cadeira numa casa de repouso é como mudar de espreguiçadeira no Titanic, não é?

Pilar – Eu estava lá...

Branca – Onde?

Pilar – No Titanic!

Dani – Se ela se apanha com essa história, não vai parar...

Maria – Não se lembra do que comeu esta manhã no pequeno-almoço, mas pode contar-lhe pormenorizadamente sobre o naufrágio do Titanic.

Dani – Incluindo o menu do jantar do capitão e o programa da orquestra.

Branca – O Titanic... Quantos anos tinhas?

Pilar – Três meses. Quando se perde a memória, sabia?, são as lembranças mais antigas que voltam à superfície.

Maria – Daqui a um ano ou dois, poderá contar-nos sobre o parto da sua mãe.

Branca – E no leito de morte, descreverá o acasalamento dos seus pais...

Dani – Já ouviram falar das medusas imortais?

Branca – A Turritopsis Nutricula...

Dani (*para Pilar*) – Está nesta revista. E já viram? Ao responder a três perguntas sobre as medusas, pode ganhar um cruzeiro. Bem, é um sorteio, obviamente...

Pilar – Um cruzeiro? Em um navio?

Branca – Claro, em um navio! Um cruzeiro! Não num autocarro...

Maria olha para a revista.

Maria – Nadar com medusas... É verdade que é original, como cruzeiro temático... Para aqueles que sabem nadar, claro...

Pilar – Gostaria de fazer um cruzeiro novamente. Gostei muito.

Branca – Já fez um cruzeiro antes?

Pilar – Claro! No Titanic!

Um idoso muito elegante, Gonçalo, chega.

Gonçalo – Bom dia! Senhoras, os meus cumprimentos da manhã...

Exceto Branca, os outros três ficam animados com a chegada deste velho galã que está um pouco melhor que os outros e que claramente não os deixa indiferentes.

Pilar – Olá, capitão!

Gonçalo – Ah, vejo que temos uma nova companheira... Apresento-me, sou Gonçalo de Estremadura.

Branca – Branca... de Castela.

Gonçalo – De Estremadura, esse é o meu nome.

Dani (*servil*) – Gonçalo é um pouco barão.

Branca – Parece um pouco tonto, sobretudo.

Os outros parecem bastante surpresos.

Maria – Vamos, Branca, Gonçalo era capitão no exército.

Branca – Um marinheiro, então.

Gonçalo – Era capitão de infantaria.

Branca – Um militar... Então é por isso que parece menos acabado do que os outros. Porque nunca trabalhou na vida...

Gonçalo – Reformei-me do serviço ativo aos cinquenta anos. É uma das vantagens do exército.

Branca – E aqui, suponho que não muda muito do quartel, certo?

Carolina, uma enfermeira de cerca de trinta anos, com um jaleco branco e uma aparência super atraente, chega.

Gonçalo – Ah, Carolina! Que prazer vê-la. Embora não lhe esconda que é muito mau para a minha pressão arterial...

Carolina – Vamos, capitão, não quero partir-lhe o coração.

Gonçalo – Infelizmente, chega uma idade em que este tipo de expressão recupera todo o seu significado...

Carolina – Vejo que já fez amigos, Branca, isso é bom... Branca vai ocupar o quarto de... uma residente que infelizmente nos deixou.

Branca – Teve sorte... Uma fuga bem-sucedida?

Carolina – Podemos dizer isso. Então, tem tudo o que precisa no seu quarto? Se não, não hesite em pedir-me.

Branca – Bem... Comecei a cavar um túnel, mas encontrei uma laje de concreto. Pode fornecer-me um martelo pneumático?

Carolina – Incrível, Branca, sinto que não vamos nos aborrecer consigo! Bem, está na hora de se prepararem para o almoço...

Branca – Almoço? São dez e meia da manhã? Acabei de tomar o meu café!

Carolina – A tarde pertence a quem almoça cedo! Esse é o lema da casa.

Branca – Falando de um lema estúpido...

Pilar – O almoço é servido ao meio-dia.

Maria – À nossa idade, precisamos de pelo menos uma hora para nos prepararmos para comer... e uma boa sesta de duas ou três horas para digerir antes do jantar.

Dani – Os dias passam a voar...

Gonçalo – Vai almoçar à minha mesa, Branca, não vai? Assim podemos conhecer-nos melhor...

Maria – À nossa mesa?

Dani – À mesa do capitão?

Gonçalo – Bem... como a Assunção nos deixou, há um lugar vago, certo?

Pilar – Ou seja, eu já tinha planeado sentar-me no lugar dela.

Dani – Já estava planeado assim...

Maria – Há uma lista de espera...

Gonçalo – Nesse caso, alguém de vocês vai ceder o seu lugar para a Branca? É nosso dever fazer com que ela se sinta bem-vinda entre nós...

Os outros lançam olhares assassinos para Branca. Gonçalo estende o braço para Branca, que, só para provocar os outros, aceita.

Gonçalo – Permita-me?

Gonçalo deixa a sala com Branca no braço.

Maria – Primeiro senta-se na poltrona do Dani. Agora rouba-nos o nosso lugar à mesa do capitão...

Pilar – Parece que é uma antiga atriz.

Maria – Já sabemos o que isso significa...

Dani – O que significa?

Maria – Uma atriz, pronto...

Pilar – Esta não vai ficar aqui por muito tempo...

Os residentes preparam-se para sair da sala quando Dani, que está arrumando sua poltrona, encontra algo no chão.

Dani – O que é isto?

Pilar – Deixe-me ver...

Maria – Não me parece familiar...

Dani – Um termômetro descartável?

Maria – Não se parece com nada que já tenha enfiado no meu traseiro.

Pilar – Um termômetro? Não há indicação de temperatura...

Dani – Não será um brinquedo sexual, certo?

Maria – Talvez seja um teste de gravidez...

Dani – Ah, sim... Há duas linhas...

Pilar – Duas linhas? Isso significa que está grávida?

Maria – Quem sabe...

Dani – É a primeira vez que vejo algo assim...

Pilar – Na nossa época, não precisávamos de todas essas coisas para saber que estávamos grávidas...

Dani – Precisaríamos do manual de instruções...

Maria – Ou perguntar a alguém.

Dani – Quem poderia estar grávida aqui?

Pilar – Numa casa de repouso, já se eliminam muitas pessoas...

Maria – Além das enfermeiras e da diretora...

Dani – E o pai, quem seria então...?

Chega o médico, Roberto, um homem muito bonito de cerca de trinta anos, com um olhar sedutor.

Roberto – Olá a todos... Como estão esta manhã?

Dani – Poderia estar pior, Doutor...

Roberto – E vocês, senhoras? Que rosadas estão! Parecem verdadeiras jovens! Qual é o segredo da sua eterna juventude?

Pilar – Nos injetaram células de medusas.

Maria – Não se aproximem muito, ela pode picar. É muito urticante...

Roberto – E essa nova anca, Maria?

Maria – Não poderia estar melhor...

Roberto – Então podemos fazer a segunda, não é? Sabem que na minha clínica neste momento as ancas artificiais estão em promoção. A segunda anca está a metade do preço. Mas têm que decidir-se depressa, senhoras.

Pilar – À nossa idade, já sabe...

Maria – É como um carro velho.

Dani – Tem que pensar bem antes de se meter em novos consertos.

Maria – Troca os travões e, na semana seguinte, o motor avaria...

Roberto – Mas vamos lá, senhoras, vocês ainda estão muito bem conservadas!

Os residentes começam a se mover lentamente para sair.

Pilar – Infelizmente, somos mais como carros clássicos que ninguém quer tirar da garagem...

Maria – Com medo de que quebrem à primeira curva...

Dani – O que querem, já passamos da nossa época.

Maria – E mesmo assim, conseguimos aproveitar um pouco do mercado de segunda mão antes de acabar aqui na sucata.

Dani – Vocês, com seus quarenta e cinco anos de contribuições obrigatórias, vão direto do trabalho para o lar de idosos medicado.

Pilar – Ou diretamente do trabalho para o cemitério, assim custará ainda menos...

Maria – Especialmente porque com os seus estudos de medicina, não deve ter começado a cotizar cedo.

Pilar – Chamam isso dependência, parece. Trabalhar dez horas por dia para um chefe durante meio século é liberdade, por acaso?

Os residentes vão embora, deixando Roberto um pouco desconcertado apesar de tudo.

Roberto – Não os estou a expulsar, certo?

Dani – Em breve será hora do almoço.

Maria – Vamos arrumar-nos um pouco para parecer mais ou menos apresentáveis.

Pilar – E não tirar o apetite dos outros.

Dani – Já por si só, nem sempre o que temos no prato é muito apetitoso...

Roberto – Bem... Bom apetite, então!

Os residentes saem. A diretora chega.

Natalia (*preocupada*) – Ah, Roberto, eu queria mesmo falar com você...

Ele aproxima-se dela e tenta abraçá-la.

Roberto – Está muito bonita esta manhã, Natalia!

Natalia (*libertando-se*) – Vamos, vamos, sê um pouco sério, Roberto... Podem-nos ver...

Roberto – E o que importa? Já que nos vamos casar.

Natalia – Ainda não é oficial...

Roberto – Amamo-nos, isso é o mais importante. E, além disso, já lhe disse. Com a sua residência para idosos e a minha clínica privada, vamos ser um sucesso, Natalia!

Natalia – Claro... Embora a nossa primeira missão seja tornar os nossos queridos idosos felizes.

Roberto – Claro. E o que tinha para me dizer tão importante, minha querida?

Natalia – Bem... É um pouco embaraçoso, na verdade... Ainda não tenho a certeza...

Roberto – Está livre para jantar?

Os dois começam a sair.

Natalia – Falamos mais tarde, está bem?

Saem.

Corta.

Tarde.

Na sala, Dani recuperou a sua poltrona e observa Pilar, que tece com uma expressão um pouco carrancuda.

Dani – Vá lá, não faças cara feia, Pilar... Tenho a certeza de que em breve haverá outro lugar disponível na mesa do capitão...

Pilar – Espero que sim...

Dani – O que está a tricotar? Um cachecol?

Pilar – É uma surpresa...

Dani – E para quem é?

Pilar – Talvez para você...

Branca chega com Gonçalo.

Dani – Então, Branca, como foi no restaurante?

Branca – O restaurante? Não sei, comi na cantina...

Gonçalo – Aqui chamamos-lhe restaurante...

Branca – Já não vão ao restaurante há muito tempo, então. *(Para Pilar)* O que está a tricotar? Uma rede? Está a planear ir pescar?

Dani – Acho que é um cachecol.

Branca – Espero que não seja para mim.

Pilar – Quem sabe...

Dani – É uma surpresa.

Gonçalo – Parece mais uma corda, não?

Dani – Uma corda de lã?

Gonçalo – Pelo menos, quem se enforcar com ela não corre o risco de apanhar um resfriado.

Carolina chega com a nova edição da revista.

Carolina – Aqui está, um pouco de leitura... A nova edição da vossa revista...

Branca intercepta a revista, que Dani estava prestes a pegar.

Branca – Finalmente vou descobrir se ganhei...

Carolina começa a fazer um pouco de limpeza.

Carolina – Está a fazer algo bonito... O que é?

Gonçalo – Não sabemos.

Carolina – De qualquer forma, parece ser muito quente.

Pilar – O importante é que seja resistente...

Carolina – Ah, sim, claro, também.

Maria chega.

Maria – Depois, deviam começar a tricotar um suéter para o bebé...

Carolina – O bebé? Quem vai ter um bebé?

Maria – É isso que gostaríamos de saber...

Branca folheia a revista e de repente o seu rosto ilumina-se.

Branca – Sou eu!

Maria – O que é você?

Branca – O concurso! O meu número saiu! Ganhei o cruzeiro!

Dani – O primeiro prémio? O cruzeiro no Pacífico? No "Costa Mucho"?

Branca – O segundo prémio! O cruzeiro na Antártida! No "Costa Poco"!

Gonçalo – Fantástico! Tem sorte!

Pilar – Feliz no jogo...

Branca – É para duas pessoas... Posso levar quem quiser...

Maria – O que se pode fazer num barco na Antártida?

Dani – Com certeza que não há piscina...

Pilar – Talvez haja uma pista de patinagem.

Carolina – Por que é que quer ir de férias? Aqui, todos estão sempre de férias, não é?

Branca – Para mudar de ambiente! Cheira a bafio aqui...

Maria – E quem vais convidar para ir com você, Branca?

Branca – Quem sabe...

Gonçalo – Se precisar de um cavalheiro...

Branca – Precisar... Para que ainda serviria, velho desgaste? Seria pelo menos capaz de carregar a minha mala?

Roberto chega e tenta discretamente beijar ou tocar Carolina, que se liberta.

Roberto – Parecem muito alegres. O que se passa?

Dani – Branca ganhou um cruzeiro. Para a Antártida.

Roberto parece não levar muito a sério este projeto.

Roberto – Muito bem, muito bem...

Maria – Ah, Doutor, posso perguntar-lhe algo?

Roberto – Claro, Maria, estou a ouvir.

Maria – Em privado...

Roberto – Bem...

Ela leva-o um pouco para o lado e mostra-lhe o teste de gravidez.

Maria – É positivo ou negativo?

Roberto (*aturdido*) – Está grávida, Maria?

Maria – Não eu! Encontrámo-lo na poltrona do Dani esta manhã...

Roberto – Dani?

Maria – Bem, não é dele, obviamente...

Roberto parece preocupado.

Roberto – Pode deixar-me isso, Maria? Vou conduzir a minha pequena investigação...

Maria – Vai manter-me informada?

Carolina – Vamos lá, é hora da sesta. Todos para a cama!

Branca – Sesta? Não estou com sono.

Carolina – É o regulamento...

Gonçalo – Sim, meu sargento-mor... Tem razão, Branca, isto aqui é um pouco como no exército.

Branca – Ah, sim? A sesta amorosa também é obrigatória na infantaria de marinha?

Os residentes vão embora. Maria esquece o seu xaile numa poltrona.

Roberto – Está grávida, Carolina?

Carolina – Desculpa?

Roberto – Isto não é seu?

Mostra-lhe o teste.

Carolina – E se estiver?

Roberto – Não me diga que o vai ter.

Carolina – Não, penso doá-lo à Cruz Vermelha. Para os mais necessitados do que eu.

Roberto – Ouve, Carolina, o que aconteceu entre nós foi... um erro.

Carolina – Um erro que já está a ter consequências, a julgar pelos resultados deste teste de gravidez.

Natalia chega. Carolina sai.

Roberto – Ah, queria mesmo falar contigo.

Natalia – Sim, eu também...

Roberto – Está grávida?

Natalia – Meu Deus, não! Por quê?

Roberto – Desculpe, não sei o que me aconteceu...

Maria volta para buscar o seu xaile. Eles não a veem, e ela aproveita para ouvir a conversa.

Natalia – Não, o que me preocupa é que... a taxa de mortalidade na nossa instituição tem aumentado de forma curiosa ultimamente. Não acha?

Roberto – Tem razão... Numa casa de repouso, é normal que o número de mortes seja maior do que o de nascimentos, mas mesmo assim...

Natalia – Que nascimento?

Roberto – E geralmente, neste tipo de estabelecimento, estamos relativamente mais a salvo de mortes violentas do que numa escola ou numa esquadra de bairro...

Natalia – Está a preocupar-me, Roberto. Se souber de algo, estou a ouvir...

Roberto – É sobre a Asunción.

Natalia – A Asunción?

Roberto – Parece que a sua morte... não foi realmente natural.

Natalia – O que o faz pensar isso?

Roberto – Não posso afirmar nada, claro, mas tenho algumas pistas que me fazem pensar que...

Natalia – Que pistas?

Roberto – Bem... As marcas de estrangulamento que vi à volta do pescoço dela, para começar.

Natalia – Não...?

Roberto – E depois... o garfo da cantina que encontrei espetado na barriga dela.

Natalia – Oh meu Deus...

Roberto – Seria necessário realizar uma autópsia para saber se ela também não foi envenenada.

Natalia – Quem teria vontade de assassinar alguém com cento e três anos?

Roberto – Alguém com cento e dois anos que espera tornar-se o decano da humanidade no lugar dela...

Natalia – Isto é tudo muito desafortunado, Roberto. É a reputação da nossa instituição que está em jogo. Compreende? Se isto chegasse aos ouvidos dos media!

Roberto – Depois do notável trabalho que fez para obter uma classificação tão boa no Guia Michelin de Casas de Repouso.

Natalia – Perderíamos imediatamente a nossa terceira coroa, que premia uma instituição com mais de vinte centenários.

Roberto – E a nossa cantina provavelmente também perderia o seu terceiro garfo de prata...

Natalia – Acha que devemos informar a polícia de qualquer forma?

Roberto – Não sei... A lei já considera que tirar a vida a um feto com menos de três meses não é um crime. Extrapolando um pouco... poderíamos considerar que pôr fim à agonia interminável de alguém com cento e três anos também não é realmente um crime...

Natalia – A lei da República, Roberto! Não a da Igreja...

Roberto – Então, o que fazemos? Vamos atirar-nos ao pé?

Natalia – Tem razão... É melhor realizarmos a nossa pequena investigação interna primeiro...

Roberto – Estou de acordo com você, Natalia... Pode contar comigo. Afinal, vamos casar, não é?

Natalia – Na alegria e na tristeza...

Roberto – Agora temos de descobrir quem fez isso e porquê.

Natalia – Acha que o culpado pode ser um membro do pessoal?

Roberto – É uma hipótese... Mas porquê?

Natalia – Eutanásia? Está muito na moda hoje em dia...

Roberto – Não consigo imaginar uma enfermeira a estrangular uma idosa com uma mão e a espetar-lhe um garfo na barriga com a outra. Geralmente, a eutanásia é um ato de amor ao próximo, não é?

Natalia – No entanto, sabe que o Papa não é favorável a esse tipo de coisa.

Roberto – A Igreja provavelmente evoluirá nisso, como em muitos outros temas... Em cinco ou dez séculos, de qualquer forma... Eutanásia... Já a palavra não é muito atraente...

Natalia – Você acha?

Roberto – Na palavra "eutanásia", ouve-se a palavra "nazi"... Eles foram os primeiros a industrializar o conceito, infelizmente.

Natalia – E como quer chamar isso para tornar essa prática mais agradável?

Roberto – Não sei... Teríamos que encontrar algo menos... Bem, mais...

Branca passa com uma mala na mão. Maria foge com medo de ser descoberta.

Natalia – Mas para onde vai, Branca?

Branca – Estou a sair de cruzeiro.

Natalia – Não, espere, não pode sair assim.

Branca – Porquê não?

Natalia – Tenho que informar a sua mãe. Quero dizer, a sua filha...

Roberto – Tem que assinar uma liberação.

Branca – Uma liberação?

Natalia (*para Roberto*) – Vou informar a família...

Roberto – Vamos, Branca, não nos deixará assim. Pode esperar até amanhã, não? Respire um pouco no convés, e enquanto isso, eu ponho a sua mala de volta na sua cabine...

Branca – Está a tentar enganar-me?

Roberto – Além disso, nestes navios há tantas pessoas idosas, já sabe... Não tenho a certeza de que realmente note a diferença em relação a um lar de idosos.

Branca senta-se contrariada. Roberto sai com a sua mala.

Gonçalo, Dani e Pilar chegam.

Gonçalo – Parece que algo não está bem, Branca, o que se passa?

Dani – Podemos fazer alguma coisa por si?

Branca – Tenho oitenta e seis anos, podem fazer alguma coisa em relação a isso?

Gonçalo – Oitenta e seis anos! Juro que não aparenta de todo.

Dani – No máximo daria uns oitenta.

Maria chega.

Maria – Ouviu a notícia?

Dani – O quê?

Maria – A Asunción foi assassinada!

Dani – Não!

Maria – Soube pela direção...

Pilar – Disseram-lhe?

Maria – Digamos que estava no lugar certo na hora certa. De qualquer forma, temos um assassino em série entre nós.

Gonçalo – Como sabemos que é alguém de entre nós?

Maria – Quem teria a ideia de vir especialmente a um lar de idosos para assassiná-los?

Dani – É verdade... Num acampamento de férias ainda se entenderia, mas num lar de idosos...

Pilar – Um assassino em série?

Maria – Ultimamente, os centenários estão a morrer como moscas aqui, não notaram?

Dani – Quem poderia ser...?

Gonçalo – Talvez alguém do pessoal...

Carolina chega.

Carolina – Um cházinho para digerir? Camomila? Tília? Erva-cidreira?

Maria – Um assassino... ou uma assassina.

Dani – Não, obrigado, estamos bem.

Maria – Eu também não, obrigada...

Carolina sai.

Maria – Um cházinho... E se fosse para nos envenenar?

Branca – E sou eu que tratam de louca.

Maria – Não se importa, claro, está a sair de cruzeiro!

Gonçalo – Então, Branca, quem levará consigo?

Dani – Diz isso porque tem medo de ficar aqui, capitão?

Pilar – No entanto, o capitão deveria sempre ser o último a abandonar o navio. Lembro-me durante o naufrágio do Titanic...

Branca – Vejo que de repente o cruzeiro para a Antártida está na moda.

Maria – Em vez de ficar aqui à espera de sermos assassinados.

Branca – Podemos sortear...

Maria – Colocamos todos os nossos nomes em pedaços de papel no chapéu do Gonçalo. E fazemos o sorteio.

Gonçalo – Muito bem...

Gonçalo tira do chapéu. Cada um escreve algo num pedaço de papel e coloca-o no chapéu num silêncio solene, observando-se mutuamente com expressões desconfiadas.

Dani – Uma mão inocente?

Branca – Terá de se contentar com a minha.

Tensão geral. Ela retira um papel do chapéu e desdobra-o.

Branca – Dani.

Dani parece aliviado.

Dani – Resta-me apenas desejar boa sorte aos que ficam...

Carolina volta, seguida de perto por Roberto.

Carolina – O que se passa aqui? Que conspiração é esta?

Maria – Estávamos a jogar Cluedo... Sabem o que é. Ela exagera sempre.

Carolina – Ah... E quem é o culpado?

Pilar – O jogo ainda não terminou. Só sabemos que o crime ocorreu no quarto com um garfo.

Maria – Um garfo, sim... Embora não me lembre de ter dito isso também...

Gonçalo coloca o chapéu de volta e todos saem.

Roberto retoma, em voz baixa, a conversa interrompida com Carolina.

Roberto – Mas, Carolina, não pode manter esse bebê...

Carolina – E por que não?

Roberto – Sabe que vou casar com a Natalia.

Carolina – Devia ter pensado nisso antes... E se eu dissesse que vai ser pai?

Roberto – Quanto?

Carolina – Quantos?

Roberto – Quanto... para que você não fique com isso?

Carolina – Vinte mil...

Roberto – Dez mil.

Carolina – Está bem, mas quero o dinheiro agora.

Roberto tira seu talão de cheques, preenche um cheque e entrega-lhe.

Roberto – Tenho a sua palavra?

Carolina – Se não for um cheque sem fundos...

Carolina sai.

Roberto – Pelo menos uma coisa resolvida... E é mais barato do que uma pensão alimentícia...

Ele também sai. Regresso de Branca, seguida por Cristina e Alex.

Cristina – Mas mãe, o que é essa história de cruzeiro?

Alex – Vamos lá, Branca, já não é jovem para ir numa expedição à Antártida.

Branca – Os cruzeiros são especialmente feitos para idosos! Acha que estariam a ser promovidos nesta revista se não fosse assim?

Alex – Sim, mas... Há idosos e idosos...

Cristina – E, além disso, os cruzeiros são perigosos, às vezes os navios afundam.

Alex – Pelo menos um afunda todos os meses em algum lugar do mundo.

Branca – À minha idade, todos os dias esperamos escapar de um naufrágio. Com cada vez menos chances de sobreviver, infelizmente.

Cristina – Vês sempre o lado negativo das coisas.

Alex – Não está bem aqui?

Branca – O quê? Não estão a par?

Cristina – A par de quê?

Branca – É um verdadeiro filme de terror aqui! O médico está a fazer manipulações genéticas nos residentes e a assistente é uma assassina em série!

Natalia chega.

Natalia – Ouçam, verifiquei na revista e os resultados do concurso ainda não foram anunciados...

Cristina – Tem a certeza?

Natalia – Até liguei para verificar...

Cristina (*para Branca*) – Mas mãe, por que inventou uma história assim?

Branca – Não sei... estamos entediados até à morte aqui... Para dar um pouco de animação...

Alex – Ah, sim, conseguiu isso.

Natalia – Desculpem por vos fazer vir por nada...

Cristina – Não, a sério, garantimos...

Alex – Enfim, já fomos avisados... Ainda é um pouco atriz...

Natalia – Vamos, Branca, vamos cuidar de você...

Natalia pega Branca pelo braço e sai com ela. Cristina vira-se para Alex.

Cristina (*suspirando*) – Ela já nos fez de tudo...

Alex – Vai correr tudo bem, não se preocupe. Vão dar-lhe uma pequena injeção e ele vai dormir tranquilamente como um bebê até amanhã de manhã.

Cristina – Acha que lhes dão injeções para os fazer dormir?

Alex – Não sei, imagino... Eu faria...

Alex abraça Cristina para a confortar.

Cristina – Falando em dormir como um bebê, não sei se é o momento ou o lugar certo, mas tenho algo para te dizer.

Alex – O quê?

Cristina – Bem, você, no próximo ano, pode não dormir à noite...

Alex (*entusiasmado*) – Não?

Cristina – Funcionou! Estou grávida.

Alex – Mas isso é maravilhoso!

Cristina – À minha idade, é até um milagre... Eu estava à espera dos resultados da análise para ter a certeza. A propósito, não sei o que fiz com o teste de gravidez. Devo tê-lo perdido aqui esta manhã...

Alex – Uma menina? Um menino?

Cristina – Ainda é um pouco cedo para dizer, mas o médico disse que estava quase certo de que é um ser humano. Vais ser pai!

Alex – Isso merece uma comemoração! Convido-la para jantar!

Preparam-se para sair. Alex tira um cigarro.

Cristina – Não vai acendê-lo aqui...

Alex – Oh, a esta idade, um pouco de fumo passivo não lhes encurtará muito a vida.

Cristina – Eu estava a pensar no bebé...

Alex guarda o cigarro.

Alex – Tem razão, vou esperar até estarmos lá fora para acender.

Cristina – E pensar que agora vamos ter de começar a procurar um lugar numa creche...

Alex – Já?

Cristina – É como as casas de repouso, imagina! Também há lista de espera...

Alex e Cristina saem.

Roberto e Natalia chegam.

Natalia – Suspeita de alguém em particular?

Roberto – Talvez uma auxiliar de enfermagem...

Natalia – A Carolina...?

Roberto – Por que não?

Natalia – Disse-me que não acredita na teoria da eutanásia devido ao modus operandi. É verdade que uma injeção de sódio é menos confusa...

Roberto – Talvez tenha usado um garfo para confundir as pistas.

Natalia – De qualquer forma... Matar alguém por compaixão com um garfo da cafetaria...?

Roberto – Talvez tenha agido por encomenda. Por dinheiro.

Natalia – Um assassino a soldo?

Roberto – Tenho boas razões para acreditar que esta Carolina é perfeitamente capaz de matar por dinheiro.

Natalia – Quem poderia ter tanta aversão por uma centenária? Os herdeiros? Sabiam que ela não tinha muito tempo... Não estão a poucos meses de diferença.

Roberto – Mas aqueles que esperam que um lugar se liberte aqui para se livrarem da mãe... A maioria das pessoas estaria disposta a matar por um lugar num lar. Então, numa casa de repouso, imagina...

Natalia – A filha da Branca...?

Roberto – Ou o... companheiro dela.

Natalia – É verdade que ele parece estranho.

Roberto – Mmm... Eu diria que ele tem uma aparência bastante indefinida.

Natalia – De qualquer forma, não devemos negligenciar outras pistas... Tem alguma informação nova sobre a vítima?

Roberto – A autópsia sumária que fiz com os meios ao meu alcance revela que a Asunción morreu depois de ter ingerido esparguete à bolonhesa.

Natalia – Acha que também poderia ter morrido de intoxicação alimentar?

Roberto – Não acredito... Eu mesmo comi ontem à noite e sobrevivi.

Natalia – Algo mais interessante?

Roberto – Sim... Antes de lhe cravarem um garfo da cafetaria no estômago, a Asunción foi estrangulada com um cachecol feito à mão... Encontrei um pedaço de lã enfiado no pescoço dela...

Natalia – É uma pista interessante, de facto... Acho que também devemos interrogar os outros residentes.

Roberto – Depois do jantar, então... Todos estão no restaurante agora...

Natalia – Qual é o cardápio desta noite?

Roberto – Espaguete.

Natalia – Novamente!

Roberto – Sobrou bolonhesa da noite passada. E como a maioria não se lembra do que comeu ontem.

Natalia – Talvez devêssemos pedir comida chinesa, então.

Cena corta.

Noite

Ambiente de uma delegacia. Como nas séries americanas, Roberto come um prato chinês com palitos em um copo de papel. Natalia assume o papel de policial durona e conduz um interrogatório agressivo a Maria, vestida com um pijama de listras, sentada em uma cadeira de rodas, com uma luminária de mesa em seu rosto. Natalia agita o garfo, que é a principal evidência.

Natalia – Então, você admite ter visto este garfo da cantina antes.

Maria – Sim.

Natalia – Na cena do crime?

Maria – Não.

Natalia – Ah, não? Onde, então?

Maria – Na cantina!

Natalia – Não finja, Maria.

Maria – É um garfo da cantina! Veja, ainda há molho bolonhesa nele.

Roberto – Isso, minha querida Maria, é tudo, menos bolonhesa, acredite em mim.

Maria (*bocejando*) – Eu gostaria de ir para a cama agora, estou começando a ficar com sono...

Natalia – Eu não estou com pressa, você sabe. Tenho a noite toda, se for necessário.

Maria – Geralmente, às oito e meia já estamos na cama.

Natalia – Então, voltemos ao início. Nome, sobrenome, profissão, data e local de nascimento...

Maria – Posso tomar meu chá agora? Sempre tomo assistindo à minha série policial na TV.

Natalia (*explodindo*) – Fale, sua velha desgraçada!

Roberto tenta acalmá-la com um gesto e, atuando como o policial bom, assume a conversa.

Roberto – Vamos, Maria. Você me conhece? Não quero machucá-la. Sou seu médico. Que tal nos contar apenas o que sabe...

Maria – Sobre o quê?

Roberto – Por exemplo, você viu alguém tricotar recentemente?

Maria – Eu vi a Pilar tricotando um cachecol de lã... que se parecia muito com uma corda.

Roberto troca um olhar significativo com Natalia.

Roberto – Pilar...

Natalia – Mas por que razão ela faria isso?

Roberto (*para Maria*) – A Pilar tinha alguma razão específica para querer fazer mal à Asunción?

Maria – Bem... Há muito tempo que Pilar espera que um lugar se abra na mesa do capitão.

Roberto – Claro... Com a morte da Asunción, Pilar toma o seu lugar na mesa, é lógico...

Natalia – Pilar... Eu não a teria suspeitado, essa.

Roberto – Bem, agora teremos que fazê-la confessar.

Natalia – Você pode ir para a cama agora, Maria... Já fez o seu dever...

Maria vai embora resmungando.

Maria – Espero que a minha série ainda não tenha terminado... Estou há semanas esperando para saber quem é o culpado...

Natalia e Roberto saem. Dani chega, senta-se na sua poltrona e lê a revista. Pilar chega com o cachecol na mão.

Pilar – Então, Dani, você é muito sortudo. Você foi o escolhido. Para ir em um cruzeiro com a Branca...

Dani – Devo admitir que estou aliviado, sim. Tenho tanto medo de sermos envenenados... Acho que a bolonhesa não me caiu muito bem.

Pilar – Sim, a Asunción também não a digeriu muito bem...

Dani – Apesar de eu adorar... É uma pena que não o sirvam com mais frequência... Então, você já terminou o cachecol?

Pilar – Sim.

Dani – Para quem é?

Pilar – Para você! Você vai precisar dele para o cruzeiro à Antártida. Vou lhe dar para experimentar.

Pilar se levanta e tenta estrangular Dani por trás, mas é interrompida pelo retorno de Natalia e Roberto, que testemunham a cena, confirmando suas suspeitas.

Roberto – Agora temos a nossa evidência...

Natalia – Dani, por favor, nos deixe a sós por um momento.

Dani – Mas, bem...

Roberto – Saia, é uma ordem.

Dani sai.

Roberto – Dani, agora... E por que?

Pilar – Para ir no cruzeiro em seu lugar! Eu sempre gostei de cruzeiros. Já mencionei que estava no Titanic quando ele afundou?

Roberto – O que vamos fazer com ela?

Natalia – Não sei.

Roberto – Entregá-la à polícia à sua idade?

Natalia – Embora seja verdade que tricotar a arma do crime pode ser chamado de certa premeditação.

Pilar – A demência senil pode ser uma defesa eficaz, sabem...

Roberto – Talvez seja melhor resolver isso internamente...

Natalia – Quantos anos você tem, Pilar?

Pilar – Fiz cem anos na semana passada...

Natalia – Sem ela, só temos dezenove... Perdemos nossa terceira coroa no Guia Michelin de Lares de Idosos Médicos...

Roberto – Você se saiu muito bem, sua velha...

Natalia – Pelo menos até que outro residente sopra cem velas...

Pilar – Se nada acontecer a ele antes...

Natalia e Roberto trocam olhares preocupados.

Corta para preto.

Um ano depois.

Três das cadeiras estão ocupadas por Natalia, Roberto e Carolina, bastante cansados e até envelhecidos prematuramente.

Natalia – Já não aguento mais...

Roberto – E mal é meio-dia...

Carolina – Eles vão acabar conosco...

Natalia – Que chegue logo a aposentadoria...

Chegam os cinco residentes, notavelmente rejuvenescidos.

Maria – Mas o que está acontecendo? Parecem mortos-vivos...

Roberto – Por outro lado, esse cruzeiro fez maravilhas para vocês.

Branca – Ah, sim! Estamos em plena forma, não é, capitão?

Gonçalo – Rejuvenescemos vinte anos.

Dani – Isso vai terminar em um casamento, vocês vão ver...

Pilar – E esses produtos antienvelhecimento à base de medusas que nos trouxeram...

Dani – Ah, sim, eles são espetaculares!

Cristina e Alex chegam com uma cesta, supostamente com um bebê.

Cristina – Olá, olá...

Natalia – Senhoras e senhores...

Alex – Diretora...

Cristina – Como estão? Parecem um pouco cansados...

Natalia – Vocês tinham razão. Eles serão os que nos enterrarão a todos...

Alex – Seu neto, Branca.

Branca – Ah, sim... Mas por que ele está tão enrugado?

Maria – É verdade, parece que tem ainda mais rugas do que nós.

Gonçalo – No entanto, seria melhor que estivesse em forma.

Pilar – Ele é quem vai pagar nossa aposentadoria...

Gonçalo – Ah, bom, vocês também parecem cansados, não?

Alex – É que ele ainda não dorme a noite toda, o safado...

Dani – Não façam tanto barulho, vejam que ele está dormindo.

Gonçalo – Ele se parece com a mãe, não?

Pilar – E quem é o pai? (*Momento de silêncio*) É brincadeira...

Dani – Bem, o que podemos desejar a este menino então?

Maria – Capitão, algumas palavras de boas-vindas...

Gonçalo limpa a garganta e começa seu discurso.

Gonçalo – A velhice é um naufrágio, e a vida é um cruzeiro no Titanic. Alguns relaxam nas espreguiçadeiras no convés, enquanto outros remam no porão. Mas todos acabarão servindo de alimento para as medusas. Então, enquanto aguardamos o inevitável encontro com um iceberg, para aqueles que puderem, é melhor fazer o gelo tilintar em seus copos. Ao som da orquestra...

Música. Eles brindam.

Todos juntos (*em direção ao berço*) – Bem-vindo a bordo!

Começam a dançar uma valsa.

Preto.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Encontro na plataforma
Euro Star
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Pequeno homicídio sem consequências
Plagio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-019-3

Documento para download gratuito